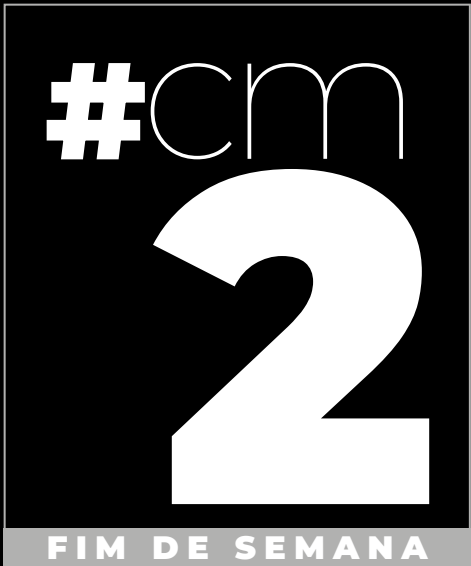




Jorge Farjalla revisita **Nelson Rodrigues** em uma montagem que **transforma a história de Sônia**, encenada pela atriz Carol Costa, adolescente **vítima de violência**, em um manifesto contra o **abuso e o silenciamento**. O Valsa Número 6 **estreia em 10 de setembro**, no Teatro Sérgio Cardoso, **em São Paulo**
Página 16

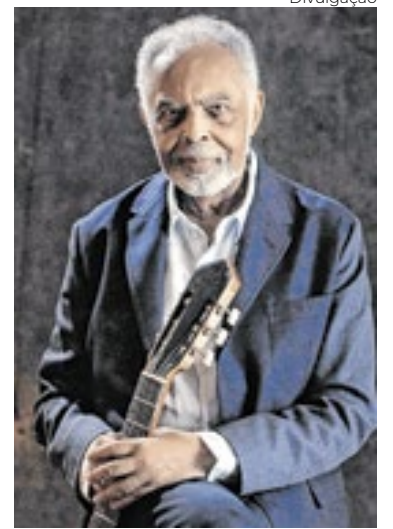
Uma
valsa
para não esquecer



Avenged Sevenfold



Elton John



Gilberto Gil



Quatro dias de música para todos as tribos



Jota Quest

AFFONSO NUNES

O Rock in Rio volta a ocupar o Parque Olímpico a partir desta sexta-feira (4) e escolhe começar pelo seu território mais clássico: duas jornadas de rock, uma noite de pop e música eletrônica e um feriado de 7 de Setembro montado como encontro de gerações. Neste primeniro fim de semana (prolongado), a Cidade do Rock recebe Foo Fighters, Avenged Sevenfold, Calvin Harris e Elton John no Palco Mundo, mas a escalação do primeiro bloco ganha força justamente nos cruzamentos dos outros palcos — do Capital Inicial com Dado Villa-Lobos ao Jota Quest tocando Tim Maia, de Péricles cantando Motown a Laufey, uma das vozes do jazz-pop contemporâneo.

Na sexta, o Rock in Rio dá a largada com Foo Fighters. A banda de Dave Grohl fecha o Palco Mundo depois de Nova Twins, The Hives e Rise Against, em sua volta ao festival sete anos após sua última e avassaladora passagem na edição 2019 e quatro anos após seu maior baque. Em 25 de março de 2022, durante a turnê sul-americana, o baterista Taylor Hawkins morreu em Bogotá; o grupo cancelou todos os shows restantes daquele ano e fez, em setembro, dois concertos-tributo em Londres e Los Angeles.

A banda só retomaria a rotina de palcos em 2023, depois de lançar “But Here We Are”, disco gravado no luto e dedicado à ausência de Hawkins. Agora, em meio à turnê de 31 anos e ao lançamento de “Your Favorite Toy”, o Foo Fighters volta a uma escala de festival com canções do peso de “Everlong”, “All My Life”, “Times Like These” e “Best of You” sempre cantada a plenos pulmões por seu fiel público.

O Palco Sunset, por sua vez, oferece uma espécie de mapa do



Sepultura

rock brasileiro dos anos 1980 para cá. O Capital Inicial leva ao palco o espetáculo “Música Urbana”, que cruza os grandes sucessos da banda com faixas do EP “Movimento” (2025) e recebe Dado Villa-Lobos, guitarrista, compositor e integrante da Legião Urbana. A parceria aproxima duas trajetórias que ajudaram a moldar a linguagem do rock de Brasília. Antes, Detonautas convida Biquini e Di Ferrero abre a programação. Na mesma

noite, a música eletrônica assume o New Dance Order com Steve Angello, Giu x Carola, ATKÖ e Cat Dealers; E Paulinho Moska encabeça o Palco Global Village.

O sábado aprofunda a vertente pesada do fim de semana. Sepultura abre o Palco Mundo em sua turnê de despedida, “Celebrating Life Through Death”, criada para celebrar 40 anos de carreira e que terá o último show em São Paulo, em novembro. O grupo carrega um

PROGRAMAÇÃO DE 4 A 7/9				
4 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Foo Fighters 21h20 - Rise Against 19h00 - The Hives 16h40 - Nova Twins PALCO SUNSET 22h45 - Capital Inicial convida Dado Villa-Lobos 20h10 - Hot Milk 17h50 - Detonautas convidam Biquini 15h30 - Di Ferrero GLOBAL VILLAGE 19h10 - Paulinho Moska 16h50 - Leela 15h00 - Giovana Moraes	FAVELA 19h10 - Rodrigo do CN 16h50 - Hitmaker 15h00 - GBZ7N 5 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Avenged Sevenfold 21h20 - Bring Me The Horizon 19h00 - MGK 16h40 - Sepultura PALCO SUNSET 22h50 - Bad Omens 20h10 - Poppy 17h50 - Black Panthera convida Nervosa 15h30 - Malvada convida Day Limns	GLOBAL VILLAGE 19h10 - Korzus 16h50 - Noturnall Russell Allen 15h00 - Rhegia FAVELA 19h10 - Major RD 16h50 - Canto Cego 15h00 - Quantum 6 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Calvin Harris 21h20 - Black Eyed Peas 19h00 - Nelly 16h40 - Barão Vermelho Encontro Formação Original convida Fernando Magalhães	PALCO SUNSET 22h45 - Ne-Yo 20h10 - Jota Quest toca Tim Maia 17h50 - BaianaSystem 15h30 - Calema GLOBAL VILLAGE 19h10 - Mohamed Ramadan 16h50 - Mãeana 15h00 - Bento Gil convida Flor Gil FAVELA 19h10 - Xamã 16h50 - Rael 15h00 - Budah 7 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Elton John 21h20 - Gilberto Gil 19h00 - Jon Batiste 16h40 - Luísa Sonza	convida Roberto Menescal PALCO SUNSET 22h45 - Laufey 20h10 - Péricles canta Motown 17h50 - Roupas Nova convida Guilherme Arantes 15h30 - Vanessa da Mata convida Rubel GLOBAL VILLAGE 19h10 - João Bosco 16h50 - Joyce Moreno, Leila Pinheiro e Fernanda Takai 15h00 - Wanda Sá FAVELA 19h10 - Belo 16h50 - Mart'nália 15h00 - Tíe



Périckles



Barão Vermelho - Formação Original



Jon Batiste



Capital Inicial

catálogo em que “Arise”, “Refuse/Resist” e “Roots Bloody Roots” se tornaram referências, com crítica social como elemento central. Depois vêm MGK e Bring Me The Horizon, banda formada em 2004 que transitou do metalcore para uma mistura de rock, hardcore, pop e eletrônico, antes do fechamento do Avenged Sevenfold. A banda californiana, criada em 1999, chega com uma trajetória que inclui “Nightmare” e “Hail to the King”,

discos que lideraram a Billboard 200. O Sunset do sábado é uma programação paralela de respeito. Bad Omens fecha o palco, depois de Poppy, Black Panthera com Nervosa e Malvada com Day Limns. O encontro entre Black Panthera e Nervosa põe em diálogo duas bandas brasileiras que renovam o metal por caminhos distintos; Malvada e Day Limns abrem a tarde. No New Dance Order, a escalação reúne Ja-

mes Hype, Volkoder, Camila Jun com Eli Iwasa e Victor Lou. Em outras frentes, o Global Village recebe Korzus, Noturnall com Russell Allen e Rhegia; o Supernova coloca Supercombo, Lvcas, MC Taya e ZeROBADASS no mesmo cartaz. Este último fará seu primeiro show ao vivo e apresentará o disco na Cidade do Rock. O domingo (6) troca as guitarras pelo pop, pelo R&B e pelas pistas. Calvin Harris fecha o Palco Mundo depois de Black Eyed Peas, Nelly e Barão Vermelho — Encontro Formação Original. O DJ e produtor escocês acumulou colaborações com Rihanna, Pharrell Williams, Frank Ocean, The Weeknd e Travis Scott, e ajudou a aproximar definitivamente a eletrônica do pop de estádio. O Black Eyed Peas chega com uma trajetória que mistura hip-hop, pop, eletrônico e ritmos globais; a presença de Nelly completa uma noite voltada aos hits da virada dos anos 2000. Fora do Palco Mundo, o domingo tem alguns dos projetos mais



Laufey

definidos do primeiro bloco. Ne-Yo fecha o Sunset com o repertório que fez dele uma das vozes do R&B pop dos anos 2000 — e com o peso de ser também autor de canções como “Irreplaceable”, de Beyoncé, e “Take a Bow”, de Rihanna. Antes, o Jota Quest apresenta seu novíssimo álbum “Jota Quest Toca Tim Maia”, espetáculo de homenagem ao mestre do soul brasileiro que também celebra quase três décadas de carreira da banda mineira. Baia-

naSystem e Calema completam o palco. No New Dance Order, Sofi Tukker, Liu, Casa Bonita — Brisotti & Viot — e Meduza estendem a noite. O Espaço Favela concentra Xamã, Rael e Budah; o Supernova recebe João Gordo & Asteroides Trio em “Blitzkrieg Psycho Bop Ramones 50”, Matanza Ritual, Bay-side Kings e O Escritório. O feriado de segunda-feira (7) é o dia de maior contraste dentro do Palco Mundo. Elton John fecha a noite em sua única apresentação no Brasil e no retorno aos palcos depois da pausa anunciada em 2023. O pianista e compositor britânico é dono de uma obra potente que atravessa o pop, o rock e o musical, e promete oferecer ao público versões ao vivo das autoralíssimas “Your Song”, “Rocket Man”, “Tiny Dancer” e “Can You Feel the Love Tonight”, entre outros hits globais. Antes de Sir Elton John, a noite propõe uma ponte de repertórios. Jon Batiste, vencedor do Oscar de melhor trilha sonora e do Grammy de álbum do ano, leva ao Palco Mundo um trabalho que cruza jazz, R&B, pop e gospel e tem o improviso como parte decisiva da apresentação. Gilberto Gil, com discografia de mais de 60 álbuns, chega com uma obra que atravessa MPB, samba, reggae, forró, rock, axé e ritmos africanos. “Palco”, “Drão” e “Toda Menina Baiana” são algumas das canções que o mestre vai levar à Cidade do Rock. Luísa Sonza abre a programação e convida Roberto Menescal, uma aproximação explícita entre o pop de sua geração e um dos nomes fundamentais da bossa nova. No Sunset, a segunda-feira também foge da fórmula. Laufey, cantora, compositora, produtora e multi-instrumentista islandesa-chinesa, fecha o palco com um som que liga jazz, pop e música clássica; ela se tornou a artista mais jovem a vencer duas vezes o Grammy de melhor álbum vocal pop tradicional. E talvez uma das grandes surpresas sessa primeira metade de festival seja o show “Périckles Canta Motown”, um emocionado tributo do maior vozeirão do nosso pagode à gravadora que revelou artistas como Stevie Wonder, Marvin Gaye e The Jackson 5. Mas não acabou... Anote aí: Roupas Nova recebe Guilherme Arantes e Vanessa da Mata chama Rubel. Na madrugada, Fatboy Slim assume o New Dance Order; Belo, Mart'nália e Tíe ocupam o Espaço Favela; João Bosco, Joyce Moreno, Leila Pinheiro, Fernanda Takai e Wanda Sá estão no Global Village. A Cidade do Rock abre às 14h, encerra às 3h e permite último acesso até meia-noite. Os ingressos diários dão livre circulação entre os palcos: R\$ 870 a inteira e R\$ 435 a meia-entrada no gramado. Confira, abaixo, a programação de sexta a segunda por palcos e seus horários aproximados.

Os embaixadores do reggae fusion

Banda jamaicana Third World se apresenta nesta sexta no Circo Voador com seu repertório clássico

Tem reggae clássico nesta sexta-feira (4) no Circo Voador. A jamaicana Third World se apresenta pela primeira vez no Brasil desde a morte de Stephen Cat Coore, em janeiro. Guitarrista, violoncelista e fundador do grupo, Coore foi a peça central de uma sonoridade que levou o reggae jamaicano a dialogar com soul, funk, jazz, rock e música erudita. Aos 53 anos de estrada, a Third World chega à Lapa para abrir o Festival Clássicos do Reggae, que em breve trará o Groundation.

O núcleo da banda que está



Third World chega aos 53 anos de estrada fundindo o reggae a outras sonoridades da black music

em atividade tem Richard Daley, baixista ligado à banda desde a fundação, em 1973; Tony Ruction Williams, na bateria e no djembe; os tecladistas e vocalistas Norris Noriega Webb e Maurice Gregory; AJ Brown, nos vocais principais; Richie Barr, no baixo; e Richard Wiggz Walters, na gui-

tarra. É Walters quem assume, no palco, a tarefa mais simbólica do conjunto: honrar a marca instrumental deixada por Cat Coore, cujo violoncelo e guitarra foram decisivos para que a Third World jamais soasse como uma banda de reggae convencional.

A história começa em Kingston,

quando Coore e o tecladista Michael Ibo Cooper criaram o grupo ao lado de Richard Daley. A formação se completou, em sua primeira fase, com Milton Prilly Hamilton nos vocais, Carl Barovier na bateria e Irvin Carrot Jarrett na percussão. A entrada posterior de Bunny Rugs como voz principal ajudou a conso-

lidar a identidade da banda, mas a ideia original já estava ali: fazer música jamaicana sem se fechar em uma só linguagem.

O repertório explica por que a Third World se tornou uma das principais pontes entre o reggae roots e o mercado internacional. “Now That We’ve Found Love”, releitura de canção dos O’Jays, virou seu maior êxito pop e levou a banda às paradas britânicas e americanas. “1865”, conhecida também como “96° in the Shade”, é um de seus hinos mais densos, com a memória da escravidão jamaicana atravessando o balanço do reggae. “Try Jah Love”, escrita e produzida por Stevie Wonder, dá outra medida da projeção conquistada pelo grupo no fim dos anos 1970.

A lista de canções fundamentais ainda inclui “Reggae Ambassador”, “Sense of Purpose”, “Forbidden Love”, “Jah Glory”, “Irie Ites” e “Cool Meditation” - um repertório que explica como a Third World trabalhou refrões pop, linhas de baixo dançantes, harmonias vocais e arranjos complexos sem abandonar a pulsação jamaicana. Foram mais de 20 álbuns de estúdio e nove indicações ao Grammy em uma trajetória que fez da banda uma referência de reggae fusion.

SERVIÇO

THIRD WORLD

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
4/9, às 22h
Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia)



O Samba de Caboclo evoca as raízes mais profundas da ancestralidade

As rodas se encontram na Lapa

O Circo Voador recebe neste sábado (5) duas maneiras de manter o samba em movimento. De um lado, o Samba da Volta, roda criada nas ruas cariocas em 2021 e hoje reconhecida por uma relação direta entre músicos e público. De outro, o Samba de Caboclo, mani-

festação que une samba de raiz e cantos de terreiro, com a ancestralidade afro-brasileira atravessando percussão, canto e dança. Entre as apresentações, o DJ Léo Black conduz a pista com seleção de música preta.

O encontro importa porque

Samba da Volta e Samba de Caboclo se apresentam neste sábado no Circo Voador

aproxima repertórios e experiências que não se confundem. O Samba da Volta nasceu de reuniões entre amigos e cresceu sem abandonar a lógica da roda: proximidade, improviso, convivência e circulação de repertório. Ao longo de cinco anos, o projeto passou a

ocupar diferentes espaços da cidade e formou um público fiel.

A referência do grupo está em formações como o Fundo de Quintal, mas o projeto não se reduz ao tributo. O repertório combina canções conhecidas, composições autorais e obras de autores menos presentes no circuito comercial. A escolha dá à roda um caráter de celebração e descoberta: há memória do samba brasileiro, mas há também o desejo de manter a conversa com o presente.

Já o Samba de Caboclo chega com uma dimensão própria. A proposta parte do diálogo entre o samba de raiz e os cantos de terreiro para celebrar os cabo-

clos e a herança afro-brasileira. É outro campo de referências, no qual música, corpo, espiritualidade e tradição se encontram. A percussão, o canto e a dança funcionam como linguagem coletiva e aproximam o palco de práticas culturais que se constroem na comunidade e na transmissão entre gerações. (A; N.)

SERVIÇO

SAMBA DA VOLTA + SAMBA DE CABOCLO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)
5/9, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



Samba da Volta celebra a tradição das rodas de partido alto



Entre as canções selecionadas, Cris Delanno vai apresentar uma parceria sua com o genial João Donato chamada 'Nosso Quintal'

Donatizar é sempre o melhor remédio

Cris Delanno celebra a obra singular de João Donato em apresentação neste sábado na Acaso Cultural

AFFONSO NUNES

Ela transita com naturalidade entre a bossa nova, o jazz e a canção popular e por isso é uma das nossas mais versáteis cantoras. É com essas credenciais que a cantora, compositora e instru-

mentista Cris Delanno apresenta o espetáculo “Donateando” neste sapabdo (5), na Acaso Cultural, em Botafogo. O show revisita a obra do pianista e compositor João Donato (1943-2023) a partir da bossa nova e do samba-jazz, suas linguagens musicais mais recorrentes. “A proposta é percorrer as diferentes

fases de Donato e deixar que a interpretação acontecer”, explica Cris, que notabiliza por seus balanços, pausas e deslocamentos harmônicos. Formada em Música Popular Brasileira pela Unirio, Cris Delanno soma 15 álbuns lançados e uma carreira que levou sua voz a diferentes países. A bossa nova é um dos

eixos de sua trajetória. Sua relação de Cris Delanno com o repertório donatiano vai além da admiração. Os dois construíram uma parceria musical, e o espetáculo inclui uma composição surgida desse convívio criativo. Trata-se de “Nosso Quintal”, de 2013, escrita por eles e pelo músico e produtor Alex Moreira (com quem Cris foi casada até sua morte, também em 2023). No repertório, “Bananeira” aparece como síntese dessa inventividade. A canção traz o suingue e o jogo rítmico que fizeram de Donato um compositor decisivo para a música brasileira. “Simples Carinho”, por sua vez, permite outra temperatura: a delicadeza da melodia e a voz de Cris abrem espaço para uma interpretação mais íntima. São duas portas de entrada para um cancionário amplo e riso farto, como o próprio Donato que tanta falta nos faz. Acreano de Rio Branco, João Donato foi um dos pilares na transição para a Bossa Nova, influenciando diretamente a batida de João Gilberto com sua síncope peculiar. Sua marca registrada ficou gravada na fusão genial entre o jazz norte-americano, os ritmos afro-cubanos e o samba.

SERVIÇO
CRIS DELANNO - DONATEANDO
Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo)
5/9, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 55

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

50 anos de dedicação ao cavaquinho

O cavaquinho ocupa o centro do palco da Audio Rebel nesta sexta (4), às 20h, no Audio Rebel. Henrique Cazes celebra 50 anos de dedicação ao instrumento. Ao lado do violonista de sete cordas Raphael dos Santos, Cazes percorre obras autorais, peças da coleção Música Nova para Cavaquinho e homenagens a Waldir Azevedo e Paulinho da Viola.



Os reis da paródia estão de volta ao Rival

Reis da paródia musical nas redes sociais, Edu Krieger e Natalia Voss voltam ao Teatro Rival Petrobras no neste sábado (5), às 19h30, com o espetáculo “Versos e versões: a vida em paródias”, que faz do repertório da MPB, do pagode e do pop brasileiro matéria para humor de observação. A cada apresentação, as letras são atualizadas para responder aos assuntos que ocupam conversas, telas e manchetes.



Forró da Gávea mostra canções de seu 1º disco

Pedro Miranda e o Forró da Gávea voltam ao Manouche nesta sexta (4) com o repertório do álbum “Amor Verdadeiro”, primeiro trabalho fonográfico do coletivo que se reúne para tocar junto desde 2018. O disco é uma declaração de amor ao forró e a seus mestres. O repertório atravessa baião, xote, coco, xaxado, rojão e arrasta-pé, com canções de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sivuca, Chico Buarque e Caetano Veloso.



Improvisações com Pedro Quental

A nova edição de Tudo é Som!, projeto do Manouche inspirado na ideia de Hermeto Pascoal de que toda matéria pode virar música, recebe neste sábado (5), às 21h, Pedro Quental e o Disabbato Jazz Quarteto. O encontro junta o universo instrumental do quarteto à voz de Quental, um dos nomes à frente do Monobloco, e abre espaço para improvisos entre jazz, soul e música brasileira.



CRÍTICA TEATRO | AS MARIAS DE BELÉM DO PARÁ

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Em 'As Marias de Belém do Pará', p diretor Eduardo Barata pratica um exercício de memória com imagens poéticas

Resgate afetivo

Ao rememorar sua ancestralidade, Eduardo Barata idealiza uma festa paraense evocada no palco. Escreve, com parceria de Elaine Moreira e

pesquisa de Claudia Chaves, um texto deleitoso revelando-se uma ode ao teatro, às mulheres e aos nortistas, nos quais a dramaturgia aglutina espinhas dorsais complementando-se.

A narrativa é situada no condo-

mínio Galharufa, em Copacabana, potencializando fatos históricos da trajetória profissional de oito artistas renomadas encontrando-se pela primeira em vez em cena, contribuindo para a sustentação de um resgate afetivo.

O diretor Eduardo Barata utiliza a memória como veículo poético em imagens impactantes. Decola seu espetáculo ao distribuir atores pelo público na procissão do Círio de Nazaré. A saudação da Ave Maria que apresenta as atrizes é tocante. Disponibiliza suas protagonistas para contarem suas histórias emocionantes, amalgamando suas experiências artísticas ao discutirem a

problemática condominial, numa referência clara ao ritual de passagem que um ator iniciante é apadrinhado por outro experiente. Movimenta com expertise seu elenco coadjuvante, que apoia a encenação.

Bete Mendes cita Camila Amado, Yara Amaral, Chica Xavier, Isabel Ribeiro, Vanda Lacerda, Aracy Balabanian, Françoise Forton, Glória Menezes e Laura Cardoso, com fotos irrompendo o prosaetno. Emocionada, lembra a galharufa que ganhou de Eva Wilma numa sala de ensaio conduzida pelo mestre Antunes Filho. Ítala Nandi relembra o Teatro Oficina e o primeiro nu no teatro brasileiro em plena

ditadura. Ivone Hoffman recorda que a dança a levou para o teatro e que Rubens Corrêa a socorreu para que ficasse no Rio. Maria Pompeu declama Vinícius de Moraes e comanda a oração do teatro, num momento pleno onde todos dão as mãos. Mariah da Penha rememora sua estada no grupo de Amir Haddad e a indicação ao Leão de Ouro concedida à Ruth de Souza. Veluma lembra o brilho de Tônia Carrero e Maria Della Costa, revelando ser a primeira manequim negra que desfilou sem alisar as madeixas. Hildegard Angel conta que trabalhou com Zé Celso em peça que virou a madrugada, e de sua trajetória como atriz ao lado de José Wilker e Tereza Rachel. Todas amparadas por Duda Barata, Cesar Werneck, Amanda Livia, Madu Emmerick, Juliane Andrade, Jhessy S, Miguel Petereit, Morgana Bernabucci e Giuliano Laffayette, além de Bárbara Vento, Camila Gonzalez, Maria Luiza Tonacio e Rohl. Joana Fomm não estava na sessão assistida.

A cenografia de Rostand Albuquerque remete à palha e aos barcos de miriti, originários do Pará. O figurino de Rute Alves valoriza as cores paraenses, com destaque para o vestido de Duda Barata ao cantar lindamente. Elisa Tandeta privilegia o azul para reminiscências. A direção musical de Marco André é embalada pelo carimbó, lambada, homenageando Fáfá de Belém, Joelma, entre outras.

Barata institui o afeto e faz com que o Pará, os artistas e o teatro não caiam em obsolescência.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Ira Barillo/Divulgação

Celebração e reinvenção

Em cartaz até o dia 13 no CCBB RJ, "Tudo Preto: uma re_vista" propõe fortalecer epistemologias negras, questionar hegemonias históricas — como a centralidade atribuída à Semana de Arte Moderna de 1922 e à branquitude intelectual na formulação da identidade nacional — e reafirmar a Companhia Negra de Revistas como patrimônio cultural e político do Brasil. Em cena, o elenco de atores-cantores dialoga com o texto original e com seus artistas precursores, em um ato de celebração, memória e reinvenção.



Lucas Freitas/Divulgação

Coragem para transformar

Em cartaz até o dia 8 no Teatro Raul Cortez, em Duque de Caxias, o espetáculo "Guerreiras!" celebra trajetórias femininas negras em concerto cênico, com canto lírico, teatro e piano. A montagem reúne obras da música de concerto, da canção brasileira e da música internacional, combinando canto teatro, projeções visuais e narrativa cênica para celebrar trajetórias femininas marcadas pela coragem e pela transformação social. O repertório dialoga com histórias de mulheres que desafiaram seu tempo.



Divulgação

A utopia de Ritinha

Espectáculo do premiado projeto Grandes Músicos para Pequenos, "Ritinha Rock and Roll - Rita Lee para Crianças" encerra temporada na EcoVila Ri Happy neste domingo (6). Com texto de Pedro Henrique Lopes, direção de Diego Moraes, direção musical de Guilherme Borges e coreografias de Natácha Travassos, o espetáculo mostra que ninguém é pequeno demais para ter sonhos grandes. A trama acompanha a história de uma menina cheia de imaginação que sonha em mudar o mundo com muito rock'n roll.



Correio da Manhã
EDIÇÃO CAMPINAS E REGIÃO

PF em Campinas contribui para queda histórica no roubo de cargas no Estado

SP libera licenciamento 2026

Correio da Manhã consolida sua edição para Campinas e Região

QUEM DISSE QUE JORNAL IMPRESSO ERA COISA DO PASSADO?

Correio da Manhã

Agora com o mesmo tamanho dos Jornais **Folha de S. Paulo**, **O Estado de S. Paulo** e **Estado de Minas**.
Muito mais fácil para ler.

UM JORNAL CENTENÁRIO SEM MEDO DE SER MODERNO.

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

ENTREVISTA | SUSANA GARCIA

CINEASTA

‘Comédia é como matemática: é precisa’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

A té o feriado de 7 de setembro, segunda agora, dado o frenesi com que o circuito exibidor está tratando “Minha Melhor Amiga”, é possível que sua diretora, Susana Garcia, tenha andado já algumas casas a mais no tabuleiro das maiores bilheterias brasileiras, de todos os tempos, com um novo recorde no currículo. O longa-metragem nacional mais visto no país, da década de 1970 para cá (quando as bilheterias passaram a ser apuradas oficialmente), é dirigido por ela: “Minha Mãe É Uma Peça 3” (2019). Soma 11.608.254 ingressos vendidos. Dois outros filmes da cineasta celebrizaram-se como blockbusters: “Minha Vida em Marte” (2018) vendeu 5.337.119 tíquetes e “Minha Irmã e Eu” (2023) atraiu 2.282.597 pagantes.

A julgar pela ânsia do público por seu novo trabalho na realização, recém-chegado às telonas, um novo fenômeno pode estar entre nós. Há um circuito imenso a serviço da comédia centrada na jornada da jornalista Julia (Mônica Martelli) e da corretora Clara (Ingrid Guimarães), do Rio de Janeiro à Península Ibérica, à caça de suas filhas (Giulia Benite e Gabi Amaral), que foram estudar no exterior. O longa-metragem foi lançado em 1531 salas de 773 cinemas, em 436 cidades do país. Pode ser o sucesso que nosso audiovisual sonhava ter, neste ano no qual a nossa maior receita, “Velhos Bandidos”, parou em 420 mil espectadores. Susana explica aqui a sua forma de filmar.

Que olhar o seu cinema busca construir a partir da condição feminina, trabalhando (de modo autoral) o tema do companheirismo?

Susana Garcia - Meu cinema parte muito das relações humanas e, naturalmente, do meu olhar como mulher. Interessa-me falar de mulheres reais, com contradições, fragilidades, força, humor, desejo, medo, em diferentes momentos da vida. Gosto muito de ver as pessoas se identificando, se reconhecendo nas personagens e se inspirando nelas. E o companheirismo aparece nos meus filmes porque eu acredito profundamente que a gente também se transforma através do outro. Seja numa amizade, num casamento, numa relação entre irmãs, entre mãe e filha/o. Uma amizade... um amor que te incentiva a ser a sua melhor versão e te impulsiona e te fortalece... isso é inspirador na dramaturgia. Em “Minha Melhor Amiga”, isso está muito presente. São duas mulheres maduras, com suas histórias, suas questões, seus medos que saem juntas numa viagem e conseguem ressignificar as suas vidas e descobrir que nunca é tarde pra recomeçar, mudar de direção. Eu faço comédias. Quero que as pessoas riem. Mas gosto que esse riso venha acompanhado de identificação e emoção.

A afetuosidade é a sua rota?

No fundo, estou sempre falando de afeto. E acredito que o companheirismo é uma das formas mais bonitas de afeto. Uma vez, eu e Paulo Gustavo estávamos na casa dele criando uma cena do “Minha Mãe É Uma Peça 3”. Ele falou: “Eu vou fazer esse Brasil rir muito, mas no fundo, o importante pra mim, é levar uma mensagem de amor”.

Você virou uma das cineastas de maior público das Américas. Qual é a identidade visual que você busca imprimir nesse cinema tão pop?

Nos meus filmes, a estética não é uma moldura da história. Ela faz parte da história. Está a serviço da história. Gosto de um cinema pop, bonito, sofisticado, mas que nunca seja estética pela estética. A imagem tem que acompanhar emocionalmente os personagens e ajudar a contar a história. Penso muito em cor, luz, figurino, arquitetura, locação, enquadramento. Gosto de construir um universo visual que seja atraente ao público, mas que esteja sempre em função da cena, que seja sempre o que for melhor para a história. Jamais faço um movimento de câmera porque eu acho interessante e isso vai acabar sendo mais importante do que a história que está sendo contada. Comédia é como matemática: é precisa. Se eu priorizar outras coisas na cena, como movimentos errados dos



J Matarun/Divulgação

“Nos meus filmes, a estética não é uma moldura da história. Ela faz parte da história. Está a serviço da história. Gosto de um cinema pop, bonito, sofisticado, mas que nunca seja estética pela estética”

personagens ou posicionamento e movimentos de câmera que não vão ao encontro da comédia, eu estaria prejudicando a cena de humor. O cinema que eu busco fazer é popular e acessível, mas existe muito

rigor por trás dessa aparente leveza. Eu quero que o público entre pela comédia, pelo prazer e pela beleza, mas que, sem perceber, seja levado a um lugar de emoção, identificação e inspiração.

Teu filme é visto como A esperança do ano para fazer as nossas bilheterias galgarem novo posto. De que maneira você avalia o cenário do mercado em que lança as tuas amigas, comparado com o que se via em tempos anteriores, em seus filmes anteriores?

Hoje o público está mais disputado e é preciso criar relevância com o filme para as pessoas serem convencidas a saírem de casa. Os dados mostram isso: em 2025, o Brasil teve 112 milhões de espectadores, enquanto o cinema brasileiro ficou com 10% desse público; em 2026, a própria ANCINE aponta uma participação nacional ainda menor, de 6,5%. Eu espero que “Minha Melhor Amiga” possa fazer parte de um movimento de reconexão do público com o cinema brasileiro, com a comédia brasileira. Quando lancei “Minha Vida em Marte”, “Minha Mãe é uma Peça 3” e, mais recentemente, “Minha Irmã e Eu”, a relação do público com a sala de cinema era diferente. Hoje nós disputamos a atenção das pessoas com muitas outras formas de entretenimento. Então não basta mais fazer um filme e colocá-lo em cartaz. Você precisa criar no espectador o desejo de sair de casa, de encontrar outras pessoas, de viver aquela experiência coletivamente. Eu acredito muito na força da comédia que emociona para fazer isso. A comédia brasileira tem uma capacidade enorme de criar identificação. Quando o público se reconhece na tela, quando ri e se emociona de alguma coisa que poderia ter acontecido na sua família, na sua amizade, na sua vida, ele cria uma conexão muito poderosa.

Qual foi o filme que te fez amar o cinema? Qual foi o filme que te fez querer fazer cinema? A que filme você volta sempre que precisa reafirmar seu amor pelo audiovisual?

Tem vários clássicos que fizeram parte da minha formação e é até difícil escolher um só. Os filmes do Charlie Chaplin foram marcantes. Depois vieram os filmes do Woody Allen, que me fizeram amar um outro tipo de cinema, baseado em personagem, relacionamento, contradição humana - que é o tipo de cinema que gosto de fazer. “Cinema Paradiso”. Toda vez que o assisto, eu me emociono. Ele confirma como eu gosto de filmes que me emocionam e me tocam. Você pode ter uma grande produção, uma técnica extraordinária, mas, no fim, o que fica é o que a história fez você sentir. É esse o cinema de que eu gosto de assistir e é esse cinema que eu tento fazer: um cinema que chega ao público.



Gael García Bernal, do México, à direita, dirige e estrea 'Hombre Al Agua'



Victor Di Marco em 'London'

Rugidos entre 'hermanos'

Longas latino-americanas como o brasileiro 'London' expõem as veias abertas de 'nuestro' continente nas telas do Lido, antes de 'Retorno a Buenos Aires' brigar pelo Leão de Ouro

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Rodado parcialmente em Porto Alegre, em coprodução com o Brasil, sob a direção do chileno de descendência italiana Marco Bechis, "Retorno a Buenos Aires" foi agendado pelo Festival de Veneza para a véspera do encerramento das atividades do evento, no próximo dia 12. Terá uma série de exhibições nas diferentes salas que integram o complexo de auditórios e cines chamado La Biennale di Venezia no dia 11, em concurso pelo Leão de Ouro, sob o olhar atento de um júri que é presidido pela atriz e diretora Maggie Gyllenhaal.

Até lá, a maratona do Lido - aberta na quarta-feira com homenagem a George Clooney e a projeção de "Ink", de Danny Boyle - viverá um fim de semana onde o sangue latino é retinto de inquietações políticas. Não por acaso, um dos competidores mais visados desta edição (de número 83) se passa no Chile de 1973, o ano do golpe que derrubou o sonho de Salvador Allende: "Cavalo Selvagem Nove" ("Wild Horse Nine"). Seu realizador, o dramaturgo e cineasta Martin McDonagh (de "Três Anúncios Para Um Crime"), não é hermano, e, sim, um inglês nascido em Londres, mas seu protagonista, John Malkovich (numa interpretação forjada para lhe valer um Oscar), vive uma fase de investigação das cicatrizes governamentais do Chile. Nosso vizinho de continente é tema de peças recentes que o ator tem feito pelo mundo, inclusive



Olivia Nuss vive Muñeca em 'Retorno a Buenos Aires': América Latina na briga pelo Leão de Ouro

no Theatro Municipal.

Entre a prata da casa (feita na casa), no sábado, Veneza confere o longa gaúcho de tintas queer "London", escrito e dirigido por Victor Di Marco e Márcio Picoli, escalado na Semana da Crítica, seção paralela à caça aos felinos dourados. Seu CEP também é em Porto Alegre. Foi produzido pelas empresas Proa & Popa Produções e pela Balde de Tinta e tem distribuição da Retrato Filmes. Já foi assegurado pelo Festival do Rio 2026, que vai de 1º a 11 de outubro.

Em seu enredo, London (vivido por Victor Di Marco) é um jovem com deficiência que ganha a vida fazendo performances eróticas em uma casa de fetiche e tem a chance de descobrir a origem e o destino de sua deficiência através de um exame médico. Com os resultados

em mãos, ele terá que decidir se sua vida será guiada por um diagnóstico ou pelos seus sonhos. Ao se deparar com um mundo míope e distorcido à sua presença, o protagonista terá que reinventar forças para se libertar e descobrir quem realmente é, num mundo capacitista.

Nesta sexta, o Brasil dá o ar de sua graça no Lido, por meio da sagacidade do produtor Rodrigo Teixeira, cuja empresa, a RT Features, está no pavimento do longa libanês "Furies", de Rami Kodeih, escalado para a seção Venezia Spotlight. Seu roteiro revive o momento no qual o sistema bancário do Líbano congela todas as contas da noite para o dia. Ali, uma jovem descobre que o dinheiro da cirurgia que poderia salvar a vida da irmã está bloqueado. Sob a ação de um desespero profun-

do, as duas maninhas arquitetam um ousado assalto a banco.

Neste domingo, rola uma investigação documental à moda argentina, de tamanho GG, com foco na prosa do autor de "O Aleph" (1945): "Biografia de Jorge Luis Borges - Parte I", dirigido por Mariano Llinás. Serão 130 minutos de invenção de linguagem para trançar interseções da literatura com o audiovisual, num projeto que terá cinco horas. Llinás se debruça sobre vestígios materiais - como manuscritos originais, primeiras edições, cartas e fotografias - a fim de fazer uma cartografia do espírito borgeano.

Também no dia 6, o galã mexicano Gael García Bernal exhibe em telas venezianas um exercício na praia da realização: "Hombre Al Agua". A brasileira Débora Nas-

cimento integra seu elenco, assim como o cantor Ricky Martin. Gael vive Camilo, um salva-vidas cubano, salva o empresário mexicano Abel (Jorge Salinas) de se afogar. Grato, Abel leva Camilo para o México, onde o rapaz se casa com a filha do rico, Juana (Esmeralda Pimentel), e eles têm um filho. Mas Camilo logo descobre que sua nova vida faz parte de um plano maquiavélico de manipulação e controle.

Neste fim de semana, paralelamente às festas da Pangeia latina, Veneza confere o lirismo do representante oficial da Coreia do Sul na briga por uma vaga na corrida do Oscar: "Possible Love". É o novo trabalho do artesão autoral Lee Chang-dong, diretor premiado na Croisette com "Poesia" (2010) e "Burning" (2018). O enredo de seu novo trabalho trata da história de dois casais: de um lado, está um trabalhador recém-demitido e sua esposa; do outro, há uma documentarista e seu marido. Os caminhos deles se cruzam para a realização de um documentário, enquanto enfrentam suas diferentes realidades e desejos ocultos.

Veneza anuncia sua premiação no dia 12, data em que se saberá a sorte de "Retorno a Buenos Aires" e de Marco Bechis (conhecido por "Terra Vermelha"). Estrelado pelo italiano Adriano Giannini, o filme reúne Paula Cohen e Eduardo Hoy, do Brasil, em papéis de destaque, além das atrizes argentinas Ana Celentano, Vero Gerez e Olivia Nuss. Cineastas de peso de nosso front autoral, como Cibele Amaral ("Momento Trágico") e André Ristum (de "Meu País") estão nos créditos de produção da fita.

Em "Retorno a Buenos Aires", o personagem central, Mariano Guerra (Giannini), é chamado a retornar à Argentina para testemunhar no julgamento dos militares que o sequestraram e torturaram durante a ditadura militar - a mesma que, em 1978, organizou a Copa do Mundo de Futebol enquanto o país vivia sob uma repressão clandestina. A história dialoga diretamente com a trajetória do próprio Bechis, que foi preso político durante a ditadura argentina, vivência que marca sua filmografia e confere ao longa um caráter testemunhal. Resta saber o impacto de seu relato sobre Maggie Gyllenhaal e demais juradas/os.

CRÍTICA FILME | GONZAGUINHA, DA MAIOR LIBERDADE

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Explsoivo em sua opção de acender o pavio da luta contra a censura, “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” incendiou o Palácio dos Festivais de Gramado, em sua passagem pela competição de Não Ficções do evento, e desceu a Serra Gaúcha com o Kikito de Melhor Documentário. Sua destreza técnica é notável, tal qual sua manha para tomar plateias de assalto, afinando-se com o investimento afetivo que o Brasil faz no cantor e compositor citado no título.

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991) se desenha nesse poema cinematográfico de Susanna Lira como um trovador libertário que pensou sua obra para ser uma conjuração poética, pautada pelo verbo “desagarrar”, aplicável tanto aos grilhões do querer tóxico quanto a vis interditos impostos por governos de quepe e farda. Mais prolífica documentarista das Américas na atualidade, La Lira modula os feitos de seu personagem num arranjo narrativo que supera as fórmulas biográficas convencionais, atomizando qualquer resquício de verbete de Wikipedia hoje muito associado ao filão dos “filmes de retrato”.

Faz um tempo que a diretora de “Torre das Donzelas” (2018), conhecida também por séries como “Casão, Num Jogo Sem Regras” (2022), rompeu com as linearidades ortodoxas da geometria da informação para investir nos fractais da poesia. Num exercício de genealogia,

Tatuagem afetiva da saudade



Luiz Gonzaga Júnior e Gonzagão, numa imagem de arquivo que Susanna usa em sua lira poética

seu novo (e dilacerante) filme evoca o trabalho da americana Shirley Clarke (1919-1997), a cineasta com quem Susanna mais parece dialogar, no Tempo, na História.

Basta uma frase colhida de uma sabatina da realizadora de “In Paris Parks” (1954) para que se entenda sua conexão com Fernanda Young: “Nunca tive certeza sobre o mundo

a que eu pertencço”. Shirley dirigiu 32 filmes entre 1952 (“Jelly Roll Morton”) e 1985 (“Ornette: Made In America”), consagrando-se como um dos pilares do documentário estadunidense. Fez o que se chama de avant-garde, em forma de curtas-metragens, e, como Susanna, galgou a excelência no terreno do .doc biográfico, com “Robert Frost: A

Lover’s Quarrel With The World” (1963) e o magistral “Portrait of Jason” (1967). É o mesmo terreno no qual Susanna, filme a filme, série a série, afirma-se como uma das documentaristas mais indomáveis de nosso país hoje, vide “Nada Sobre Meu Pai” (2023) e “Mussum, Um Filme do Cacildis” (2019).

A máxima de Shirley Clarke

era: “Todo processo que desenvolve vem do fluxo do movimento e do ritmo da montagem, numa dualidade de fantasia e realidade que convivem juntas, em toda imagem filmada”. Essa tensão já estava no dialético “Fernanda Young – Foge-me Ao Controle” (2024), que colocou a dinâmica criativa de Susanna a um lugar de ensaio, a um jorro que, em “Gonzaguinha”, é tão incontinente quanto o da cabeça do bardo sobre o qual se debruça.

Um dos vetores encantatórios de atração nessa produção é o desempenho do ator André Dale encarnando Gonzaguinha numa prática processual de interseção entre documentário e ficção. Dale é a ferramenta que permite uma transcendência aos grilhões da conveniência imposta a um registro cinematográfico que demanda registros de arquivo para existir. O longa de Susanna existe (e resiste) para além deles. A relação de Susanna com Gonzaguinha, aliás, nasceu muito antes de ela imaginar transformar a obra dele em cinema. Ainda criança, a diretora ouviu “Grito de Alerta” no disco “Mel”, de Maria Bethânia, comprado por sua mãe. A canção ficou como uma espécie de tatuagem afetiva pintada a som, estrofes, saliva e suor. Sinestesia pura.

Na presença de Dale, Susanna faz o passado respirar e, sobretudo, embaralha fronteiras de fatos e invenções. O arquivo comprova; a ficção imagina; a montagem põe os dois a pear.

CRÍTICA FILME | O SORVETEIRO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O perigo vem com calda de sangue e casquinha de ossos

Transformado em guloseima, no cardápio político do gênero terror, o filão slasher movie afiou seu corte para a Eternidade no esmeril estético de John Carpenter e seu “Halloween” (1977), abrindo-se sazonalmente para outras grifes. As mais perfurantes são as de Damien Leone (na saga “Terrifier”), de Ti West (em “MaxXxine”) e, num eixo mais farofa, de Eli Roth, ator e diretor que interpretou o Urso Judeu em “Bastardos Inglórios” (2019).

Ele explorou com pujança o estilo “tripas à mostra” desse eixo gramatical da narrativa horrorífica em “O Albergue” (2005) e “Feriado Sangrento” (2023). Arrisca

agora dar seu passo mais largo nessa caminhada com “O Sorveteiro” (“The Ice Cream Man”), que sabe ser eletrizante. Eli almeja ericar o moralismo trabalhando no registro da violência infantojuvenil, assolada por dois diabos, o infanticídio e a pedofilia, que nem o Inferno tolera. Não é nessas nojeiras que ele opera. Sua ideia é retratar como a América fabrica violência já na mais tenra idade, ao fomentar o ódio como um credo que se espalha - em metástase - já em fases mirins da vida. Fabrica, para isso, a metáfora de um doceiro que usa cremes gelados - em casquinha, com calda, mas manipulados - para fazer guris e gurias virarem



Um Chicabon do capeta é o meio usado por Smiley (Ari Millen) para transformar crianças em parasitas em ‘O Sorveteiro’

máquinas de matar. O tal Freddy Krueger por trás desse anti-Kibon se chama Jonathan Smiley e é encarnado com viço satânico por Ari Millen. Ele vira um ferrabras num mundo de hipocrisia, onde tudo soa falsa. A direção de arte, meticulosamente detalhista, ajuda um bocado a firmar essa percepção, num colorido exagerado, expandido pela fotografia de Simon Shohet, de modo a parecer as pinturas do american way of life do artista plástico Norman Rockwell (1894-1978). Roth só erra em não encontrar um tom preciso em sua montagem, que amplia o senso de perigo naquela sociedade de mentiras aparentes.

Inferno em festa:

40 anos de Dylan Dog



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Embora pertença ao site oficial de uma grife do mercado editorial, a Sergio Bonelli, uma das mais lucrativas usinas de produção de quadrinhos do planeta, a URL www.sergiobonelli.it/ está abrindo caminhos para a venda de ingressos de teatro, com foco numa peça idealizada para festejar as quatro décadas de seu best-seller mais pop: o espetáculo “Dylan Dog Horror Show”. Sua agenda vai de 22 de outubro a 10 de novembro, no palco da Sala Eliseo, em Roma.

Quem comanda a encenação é o diretor Valter Malosti, que opera a partir da dramaturgia assinada por Tiziano Sclavi (um mito das artes gráficas, aclamado como roteirista e escritor) e Nicola Russo. O foyer do Eliseo será transformado em um percurso imersivo inspirado na casa de seu personagem central: o Investigador do Pesadelo.

No Brasil, quem entrar no <https://www.lojamythos.com.br/> pode encomendar online a edição comemorativa dos 40 anos de criação de Dog, batizada aqui de “Ecos Do Pesadelo”. É uma antologia dos pesadelos curtos do já citado Tiziano Sclavi (criador de Dylan), em 24 histórias. Elas são desenhadas por grandes artistas da esquadra dylandoguiana. As 400 páginas desse almanaque são ilustradas por Giampiero Casertano, Corrado Roi, Angelo Stano, Montanari & Grassani, Bruno Brindisi, Giovanni Fregghieri, Enea Riboldi, Carlo Ambrosini, Franco Saudelli e Claudio Villa.

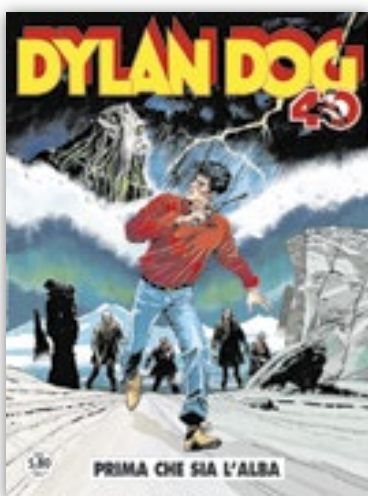
Na Itália, a pedida é a Graphic novel “Angoscia”, com desenhos de Carlo Ambrosini.

A partir de 18 de setembro, “Dylan Dog” ganha na Itália uma coleção especial de 41 volumes semanais, em capa dura e grande formato, lançada por “La Gazzetta dello Sport” e “Corriere della Sera”, em colaboração com a re-



Divulgação

O detetive especializado em casos sobrenaturais chega aos 40 anos com vários lançamentos saindo do forno na Itália e no Brasil



vista “Tv Sorrisi e Canzoni” e a Sergio Bonelli Editore. Batizada de “Dylan Dog – 40 anni di paura!” (“Dylan Dog – 40 anos de medo!”), em tradução livre), a série recupera algumas das aventuras mais representativas do chamado Investigador do Pesadelo.

Parido pela pena de Sclavi, Dylan Dog chegou às bancas em 26 de setembro de 1986, pela Sergio Bonelli Editore, embora a data editorial registrada para o primeiro número seja 1º de outubro daquele ano. Sua estreia aconteceu

Vivido no cinema por Ruppert Everett e Brandon Routh, o Investigador do Pesadelo, campeão de vendas de quadrinhos na Europa desde 1986, ganha HQs novas e peça de teatro

em “L'alba dei morti viventi” (“A Aurora dos Mortos-Vivos”, em tradução brasileira), história escrita por Sclavi, desenhada por An-



gelo Stano e com capa de Claudio Villa. Ex-policia da Scotland Yard transformado em investigador particular especializado em casos sobrenaturais, Dylan vive em Londres, toca clarinete, refuta comer carne vermelha, briga contra a dependência ao álcool e enfrenta fantasmas, monstros, assassinos e mortos-vivos, quase sempre sob uma perspectiva em que o horror funciona como porta de entrada para questões existenciais, afetivas e sociais.

A própria aparência do perso-



nagem nasceu de uma referência cinematográfica: Sclavi tomou o ator britânico Rupert Everett como modelo visual para seu herói. A ligação acabaria produzindo uma curiosa viagem de ida e volta entre quadrinhos e cinema. Everett protagonizou, em 1994, “Dellamorte Dellamore” (“Pelo Amor e Pela Morte”, no Brasil), de Michele Soavi, baseado no romance homônimo de Sclavi. O protagonista Francesco Dellamorte não é Dylan Dog, mas funciona como uma espécie de parente literário do investigador: os dois pertencem ao mesmo imaginário macabro e chegaram a se encontrar nos quadrinhos. A escalção de Everett reforçou deliberadamente essa conexão.

Dylan chegaria diretamente ao cinema em “Dylan Dog: Dead of Night” (“Dylan Dog e as Criaturas da Noite”), produção americana de 2010 dirigida por Kevin Munroe, com Brandon Routh no papel principal. Transferida de Londres para Nova Orleans, a aventura acompanha o investigador às voltas com vampiros, lobisomens e zumbis. O longa foi lançado comercialmente nos Estados Unidos em 2011 e chegou aos cinemas brasileiros em 12 de agosto daquele ano.

No próximo dia 26, na Europa, chega às bancas italianas “Prima che sia l'alba” (“Antes que amanheça”, em tradução livre), edição nº 481 de “Dylan Dog”. A capa será, por si só, parte da surpresa preparada pela Bonelli para celebrar o natalício de seu vigilante. A edição será publicada inteiramente em cores e, pela primeira vez na história da série, contará com quatro capas diferentes, além de uma embalagem inédita. O exemplar chegará às bancas dentro de um envelope especial opaco, que impedirá o leitor de saber previamente qual das quatro capas recebeu, transformando a própria abertura da edição comemorativa em parte da celebração.

Pelo tanto que já nos salvou de seres infernais, Dylan Dog merece esse mimo todo e muito mais.

CRÍTICA SÉRIE | CEM ANOS DE SOLIDÃO

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Há quase 70 anos,
a solidão em Macondo

Leitor é aquele ser que reconhece na vida real momentos literários. Esta semana, por alguns instantes, o Rio virou Macondo, com a revoada dos bichinhos de luz. É fim de inverno, mas nesses trópicos de estações pouco marcadas, tudo se embola devido ao aquecimento global – renegado por uns, preocupante para todos os seres racionais que admiram a cidadezinha criada pelo colombiano Gabriel García Márquez para representar sua terra natal, Aracataca, hoje ponto turístico graças à criação de seu filho mais notável.

Descobri aquele universo quando, madura adolescente, na primeira madrugada de insônia da vida, devorei “Cem anos de solidão” com a voracidade das formigas de Macondo. No dia seguinte, dormi em todas as aulas na faculdade.

Passaram-se uns 45 anos até eu voltar às ruas de terra do lugarejo fundado pelos Buendia. Temia que a série da Netflix apagasse as imagens que eu criara para o romance que me levou à leitura de quase tudo o que Gabo escreveu. Ao contrário, contribuíram para aprimorar o cenário daquela saga familiar e do



Divulgação Netflix

A adaptação de ‘Cem Anos de Solidão’ produzida pela Netflix teve o mérito de reforçar as imagens criadas pelo célebre romance de Gabriel Garcia Marquez que conta a saga dos Buendía

povoado praticamente esquecido pelos governantes até a chegada da United Fruit Company, a multinacional norte-americana que explorou plantações de banana na Colômbia e em outras nações latino-americanas, e, paralelamente, à Guerra dos Mil Dias, o embate civil, entre 1899 e 1902, no qual morreram cerca de 100 mil pessoas e o país perdeu a região do Panamá.

Os episódios históricos que compõem o pano de fundo de “Cem anos de solidão” jamais se sobressaem à singularidade dos Buendia e de seus agregados. São personagens multifacetados, cuja bondade se alicerça na crueldade exigida para a sobrevivência em tempos difíceis. O tímido e romântico Aureliano Buendia se torna o temido coronel, que enfrenta um pelotão de fuzila-

mento na abertura do romance. De início, o povoado resiste à opressão da fé católica, embora o misticismo esteja totalmente integrado à realidade dos habitantes de Macondo, que abraçam o sobrenatural com a tranquilidade sincrética dos latino-americanos.

O reencontro com Aurelianos, Arcádios, Remédios, Úrsulas e Amarantas, entre tantos, continua encan-

tador. García Márquez era um mago, alquimista das palavras, de uma sonoridade colorida que lembra os tons de Jorge Amado, aqueles títulos exuberantes, poéticos, chicleados na mente. Tudo pincelado por asombrações, longos períodos de chuva ou de insônia entre os moradores, maldades, canalhices, gente que sobe aos céus em vez de morrer, faz revolução, reclama das condições de trabalho com a United Fruit Company e arruma sempre tempo para se acabar de paixão. A cada revoada de mariposas com o calor ou a temporada de chuva incessante – que, felizmente, não chega a quatro anos quatro anos, onze meses e dois dias –, tão comuns nos trópicos, não há como deixar de pensar em Macondo.

Em maio de 2027, “100 anos de solidão” completa 60 anos de publicação, que devem ser celebrados com novas edições, lembrando que o livro impulsionou, na década de 1960, o boom da literatura latino-americana mundo afora, capitaneada por Gabo, pelo peruano Mario Vargas Llosa, o argentino Julio Cortázar e o mexicano Carlos Fuentes. Hoje, é possível encontrar o texto por preços variados, entre R\$ 50 (em sebos) e até R\$ 180, os volumes fartamente ilustrados, geralmente com desenhos representando a árvore genealógica das sete gerações de Buendia. Assim atendem à maior reclamação de quem não consegue se entender com a repetição dos nomes dos personagens – um hábito arraigado nas famílias latinas – e também à crítica mais rasa que um clássico da literatura pode receber.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

EM MEIO A APAGAMENTOS

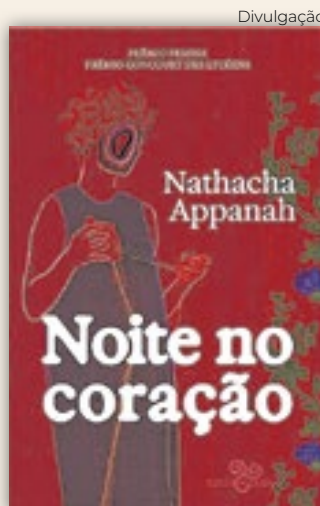
A cineasta e artista plástica paraense Jéssica Paola lança este domingo (6), durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, “Meu Nome é um Lugar Longe” (Hecatombe, R\$ 40). Os contos tratam de mulheres que enfrentam monstruosidades em histórias entrelaçadas de apagamentos e reconstruções do eu, investigando identidade, pertencimento, afeto, deslocamentos e alteridade. Radicada no Rio de Janeiro, a autora fundamenta sua obra na oralidade amazônica e nas vivências da selva urbana carioca, além de sua própria experiência de deslocamento pelo país, entremeadas às narrativas do pai, que vive no Maranhão, e da mãe, cearense.



Divulgação

SILENCIADAS PELO MEDO

Traduzido em mais de quinze países, “Noite no coração” (Bazar do Tempo, R\$ 80) recebeu, entre outros, os prêmios Femina e Goncourt des Lycéens, na França. Nascida nas Ilhas Maurício, Nathacha Appanah conta os antecedentes de dois feminicídios e seu próprio histórico de vítima de violência, que conseguiu escapar da morte pedindo a proteção da família. Nos três casos, os agressores eram companheiros das mulheres. Além de relatar os processos judiciais dos dois assassinos, Natacha discute as pressões que levam mulheres a se recolherem em silêncio, mantendo segredo sobre os maus tratos sofridos, tanto por constrangimento quanto por temor de que a violência seja dirigida a outras pessoas próximas a elas.



Divulgação

PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

Preconceito e violência caminham lado a lado em “Quando” (Record, R\$ 69,90), da mineira Carla Madeira, a atualmente mais lida escritora brasileira. Ambientado na década de 1980, o romance traz uma família que se mantém próxima apesar do sofrimento pela incompreensão: a mãe, muito doente, aguarda a visita do filho que denunciou à polícia por violência homofóbica. Depois de cumprir pena, o filho jamais retornou ao convívio familiar, e a mãe passa vinte anos esperando revê-lo, cuidada pelas duas filhas, uma delas homossexual. Desde 2023, a escritora se transformou no maior sucesso de ficção em literatura brasileira, tendo vendido mais de 1,4 milhão de cópias de seus três romances anteriores.



Divulgação

SEXTOU! SAMPA

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

Luiz Thunderbird

✱ Luiz Thunderbird apresenta “A História Ilustrada do Rock Nacional – Especial Anos 80” nesta sexta-feira, 4 de setembro, às 20h, no Blue Note São Paulo. Em formato de aula-show, o músico e apresentador conduz uma viagem pela década que marcou a consolidação do rock brasileiro. A apresentação combina música, histórias e informações sobre artistas e bandas que ganharam espaço no período, com repertório que inclui nomes como Titãs, Ira!, Barão Vermelho, Kid Abelha e Kid Vinil. A abertura da casa está prevista para as 19h. O Blue Note fica no segundo andar do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, 2.073, na região da Consolação. A classificação etária do show é de 18 anos, com entrada de menores permitida quando acompanhados dos pais ou responsáveis legais. Os ingressos estão disponíveis no site da Eventim.

Geraldo Azevedo

✱ O músico Geraldo Azevedo apresenta o espetáculo “Voz & Violão” no Sesc Pompeia, em São Paulo. No palco, o cantor e compositor revisita mais de cinco décadas de carreira em uma apresentação intimista, baseada na combinação entre voz e violão. O repertório reúne músicas que marcaram sua trajetória artística e diferentes momentos de sua produção musical. As apresentações serão realizadas no sábado (5), às 21h, e no domingo (6) e na segunda-feira (7), às 18h30. O Sesc Pompeia fica na Rua Clélia, 93, no bairro da Água Branca, região oeste da capital paulista. Os ingressos custam R\$ 70 e podem ser adquiridos pelo site sescsp.org.br ou diretamente nas bilheterias das unidades do Sesc.

TEATRO

Comédia dramática Meu Deus no Teatro das Artes

✱ Bianca Bin e Sérgio Guizé estrelam “Meu Deus”, comédia dramática em cartaz no Teatro das Artes, em São Paulo. Na trama, a psicóloga Ana recebe um telefonema de um homem desesperado, que exige atendimento no mesmo dia. Ao chegar ao consultório, ele afirma ser Deus e revela estar deprimido com os rumos do mundo. A terapeuta dispõe de apenas uma sessão para convencê-lo a não desistir da



Apresentação do CIRQUE DU SOLEIL, no Parque Villa-Lobos



Comédia dramática Meu Deus no Teatro das Artes

humanidade. Com texto de Anat Gov e direção de Elias Andreato, a peça combina humor ácido e reflexões sobre fé e comportamento. A temporada segue até 1º de novembro, com sessões às sextas e aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 17h. Os ingressos custam entre R\$ 25 e R\$ 160. O teatro fica na Avenida Rebouças, 3.970, em Pinheiros. Informações: Eventim

Peça “A Última Entrevista de Marília Gabriela”

✱ Marília Gabriela e o filho, Theodoro Cochrane, apresentam “A Última Entrevista de Marília Gabriela” no Teatro Arthur Azevedo, na Mooca, região leste de São Paulo. O espetáculo será encenado nos dias 10 e 11 de setembro, às 20h. Em cena, mãe e filho conduzem uma conversa que mistura elementos da

realidade e da ficção, abordando experiências profissionais, relações familiares e aspectos da vida pessoal. A montagem inverte a dinâmica que marcou a trajetória da jornalista e apresentadora: desta vez, Marília ocupa também o lugar de entrevistada e responde às perguntas feitas por Theodoro. O diálogo entre os dois revela lembranças, diferenças e afetos, além de propor reflexões sobre carreira, envelhecimento e vínculos familiares.

EXPOSIÇÃO

Brasil de Tarsila

✱ A exposição “O Brasil de Tarsila” apresenta uma experiência imersiva dedicada à trajetória e ao universo criativo de Tarsila do Amaral. Instalada em 14 ambientes, a mostra reúne mais de



Exposição “O Brasil de Tarsila” no Nubank Arte Lab, na Avenida Paulista

70 obras em projeções de 360 graus, instalações interativas, cenários, sons e experiências sensoriais. O percurso aborda diferentes fases da artista e temas como identidade, território, feminilidade e brasilidade, além de revisitar trabalhos como “Abaporu”, “Antropofagia” e “Operários”. A exposição fica em cartaz até 31 de outubro no Nubank Arte Lab, no Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, 2.073. A visitação ocorre de quarta a segunda-feira e nos feriados, das 10h às 22h. Os ingressos custam de R\$ 40 a R\$ 100, conforme o dia e a modalidade.

ESPETÁCULO

Cirque du Soleil

✱ O Cirque du Soleil volta a São Paulo e apresenta o espetáculo “Alegría – In a New Light” no

Parque Villa-Lobos, na Zona Oeste da Capital Paulista, até 8 de novembro. A nova versão do clássico reúne 54 artistas e combina números acrobáticos, música ao vivo, figurinos, cenários e humor. A história aborda a disputa pelo poder em um reino que perdeu seu rei, enquanto uma geração reivindica mudanças. As apresentações ocorrem de quarta-feira a domingo, em horários variados. O espetáculo, que é muito mais do que um circo, tem duração de 2h15, incluindo intervalo de 25 minutos, e classificação livre. Menores de 12 anos devem estar acompanhados pelos pais ou responsáveis. Os ingressos custam a partir de R\$ 198 e podem ser adquiridos pelo site da Eventim ou na bilheteria do Parque Villa-Lobos, na avenida Queiroz Filho, 1.315.

SEXTOU! CAMPINAS

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

MÚSICA

DIOGO NOGUEIRA

✳️Diogo Nogueira abre a Semana Cultural de setembro em Hortolândia nesta sexta-feira (04), às 19h, no Centro de Eventos A Poderosa. O show marca o início da programação promovida pela Prefeitura, que segue até o dia 10, com entrada livre e aberta ao público.

DI PROPÓSITO

✳️A Bololô Sunset retorna neste sábado (5) ao Pista 2002, com programação a partir das 15h reunindo pagode, funk e hits. A principal atração é o grupo Di Propósito, além de shows de Hanii e sets dos DJs Ric e Fe Oliveira. Os ingressos partem de R\$ 40.

ORQUESTRA SINFÔNICA

✳️A Orquestra Sinfônica de Campinas apresenta o concerto “Paisagens Sonoras” nesta sexta-feira (4), às 20h, no Centro de Convivência Cultural de Campinas. A apresentação integra a programação do Mês Carlos Gomes e traz repertório sinfônico. Os ingressos custam R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia).

VANNICK BELCHIOR

✳️A cantora Vannick Belchior, filha de Belchior, apresenta o show “Meu nome é Cem” neste sábado (5), às 19h, no Teatro do Sesc Campinas. Em homenagem aos 80 anos do artista, o espetáculo revisita seu repertório com novas interpretações. A apresentação tem duração de 75 minutos e classificação 16 anos. Os ingressos custam R\$ 15 (Credencial Plena), R\$ 25 (meia) e R\$ 50 (inteira).

TEATRO

BRUNA LOUISE

✳️O Teatro Oficina do Estudante, em Campinas, recebe nesta sexta-feira (4), às 21h, o stand-up “Uma Deusa, Uma Loba, Uma Feiticeira”, de Bruna Louise. O espetáculo traz humor provocador ao abordar diferentes facetas da mulher contemporânea, com histórias sobre relacionamentos e cotidiano. Os ingressos variam de R\$ 36 a R\$ 90.

AMAZING TENORS

✳️O espetáculo musical “Amazing Tenors – Sings Bocelli” será apresentado no sábado (5), às 21h, com três tenores interpretando clássicos de Andrea Bocelli, acompanhados por orquestra ao vivo. Os ingressos



A 46ª Expoflora segue até o dia 27 de setembro em Holambra



Diogo Nogueira se apresenta em Hortolândia nesta sexta (4)

custam de R\$ 100 (meia) a R\$ 200, no Teatro Oficina do Estudante, em Campinas.

ALLAN KARDEC

✳️O espetáculo “Allan Kardec – Um Olhar Para a Eternidade” um espetáculo dramático, será apresentado no domingo (6), às 19h, com narrativa dramática sobre a trajetória do espiritista. Os ingressos variam de R\$ 50 a R\$ 100, e a classificação é livre, no Teatro Oficina do Estudante, em Campinas.

GUSTAVO MENDES

✳️O espetáculo de comédia “O Marido da Minha Mulher”, com Gustavo Mendes, será apresentado na segunda-feira (7), às 20h, com uma trama repleta de confusões e humor. Os ingressos variam de R\$ 70 a R\$ 140, também no Teatro Oficina do

Estudante, em Campinas.

VINICIUS DE MORAES

✳️O musical “É Melhor Ser Alegre que Ser Triste”, em homenagem a Vinicius de Moraes, será apresentado nos dias 5 e 6 de setembro no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara d'Oeste. O espetáculo reúne músicas, poemas e histórias do artista, com sessões no sábado, às 20h, e domingo, às 19h. Ingressos a partir de R\$ 80.

GALINHA PINTADINHA

✳️O espetáculo infantil “Top 10 da Galinha Pintadinha” acontece neste sábado (5), domingo (6) e segunda-feira (7), no Teatro Oficina do Estudante Iguatemi. A atração reúne músicas, personagens e interação com o público. Os ingressos custam a partir de R\$ 40.



O Classics Festival Campinas vai até segunda (7)

LAZER

EXPOFLORA

✳️A Expoflora segue até o dia 27 de setembro em Holambra, com programação diária das 9h às 19h. O evento reúne exposição de flores, atrações culturais, gastronomia típica holandesa e a tradicional chuva de pétalas. Os ingressos partem de R\$ 62,90 na compra antecipada.

CLASSICS FESTIVAL

✳️O Parque Ecológico Monseñor José Salim, em Campinas, recebe o Classics Festival entre sexta-feira (4) e segunda-feira (7). O evento reúne shows de rock ao vivo, exposição de carros, motos clássicas e ampla praça gastronômica. A entrada é gratuita. Não é permitida a entrada com coolers, alimentos ou bebidas.

MORANGOS E FATIAS

✳️O Festival de Morangos e Fatias acontece de 4 a 7 de setembro no Parque Ecológico de Campinas, junto ao Classics Festival, com gastronomia temática, shows de rock e atrações ao ar livre. A programação inclui ainda encontro de carros e motos antigos no domingo (6). A entrada é gratuita.

CINE AUTORAMA

✳️O Cine Autorama leva sessões gratuitas de cinema drive-in à Pedreira do Chapadão, em Campinas, neste sábado (5) e domingo (6). No sábado, as sessões serão às 19h e 21h30; no domingo, às 18h30 e 21h. A programação é livre para todos os públicos e permite acompanhar os filmes de dentro do carro. A entrada é gratuita, mediante inscrição.

CORREIO CULTURAL

MOARA SEMEGHINI



Divulgação
O músico Criolo se apresenta no Sesc Campinas

Criolo celebra 50 anos em show no Sesc

O Sesc Campinas recebe, no sábado (19), às 19h, o cantor e compositor Criolo, que apresenta na cidade o show da turnê “Criolo 50”. Os ingressos começam a ser vendidos online em 8/9, a partir das 17h, pelo App Credencial Sesc SP e pela Central de Relacionamento Digital. Nas bilheterias das unidades do Sesc SP, a venda começa em 9/9, também às 17h.

O espetáculo celebra a traje-

tória do artista e reúne rap, samba, MPB, reggae, trap, grime, drill e afrobeat. O repertório percorre diferentes fases da carreira, com músicas de álbuns como “Nó na Orelha”, “Convoque Seu Buda” e “Espiral de Ilusões”, além de novos arranjos e diferentes atmosferas sonoras. Com forte presença cênica, Criolo destaca a diversidade do hip-hop e a potência da música preta brasileira.

Grande Muralha da China

O Instituto CPFL, em Campinas, recebe a exposição ‘A Grande Muralha da China’, experiência imersiva e inédita no Brasil que apresenta a história e a cultura chinesa por meio de tecnologia e recursos audiovisuais. A mostra reúne projeções, mapas digitais, instalações interativas e multissensoriais. O percurso aborda períodos da Muralha, as dinastias e a Rota da Seda. Gratuita, a exposição fica até 31 de outubro, na Galeria do Instituto CPFL - Rua Jorge de Figueiredo Corrêa, 1632, Chácara Primavera. Horários: 2ª, 3ª, 4ª e 6ª, das 8h às 17h; 5ª, das 8h às 19h; sábado das 10h às 16h.

‘Memória Veneno’

O curta experimental ‘Memória-Veneno’, de Marta Fontenele, será exibido de graça na terça-feira (8), às 19h30, na Sala Glauber Rocha, no MIS-Campinas, com debate após a sessão. A trama acompanha Sued, mulher atormentada por pesadelos e pelas lembranças do passado.

‘Entre Vitrais’

A exposição ‘Entre Vitrais’ reúne sete obras de profissionais da arquitetura, design e arte, transformadas em vitrais pela campineira Vitrais Ton Geuer. Gratuita, a mostra pode ser visitada de 9 a 13 de setembro, de quarta a domingo, no Galleria Shopping, em Campinas.

Escritora de Campinas na Bienal do Livro

A 28ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo começa nesta sexta-feira (4) e vai receber mais de 700 mil visitantes e reunir cerca de 350 autores internacionais e nacionais, incluindo escritores da região, como Salete Fernandes. Autora do livro “Entre Silêncios”, ela participa de uma sessão de autógrafos no dia 9 de setembro, no estande Escreva Garota, a partir das 15h.



Leo Aversa/Divulgação
Luiz Fernando Guimarães comemora seus 50 anos de carreira com espetáculo de Juca de Oliveira

Luiz Fernando Guimarães está em ‘Baixa Sociedade’

Clássico de Juca de Oliveira ganha montagem com humor, crítica social e celebração da carreira do ator

Por Redação

A ambição, status e o desejo de mudar de vida estão no centro de “Baixa Sociedade”, clássico de Juca de Oliveira que ganha nova montagem. A peça marca os 50 anos de carreira de Luiz Fernando Guimarães, que assume o papel principal sob a direção de Pedro Neschling. O elenco também reúne Debora Ozório, Paulo Mathias Jr. e Bruna Trindade.

Na história, Otávio (Luiz Fernando Guimarães) não mede esforços para conquistar o reconhecimento e a posição social que acredita merecer. Movido pela ambição, ele recorre a mentiras, improvisos e planos cada vez mais inusitados para construir uma aparência de sucesso. Ao lado do filho, Otavinho (Paulo Mathias Jr.), o patriarca envolve a família em situações absurdas e divertidas, enquanto tenta esconder as próprias inseguranças, contradições e frustrações.

“É um personagem muito humano, que tem seu lado ruim e seu lado bom, assim como todo mundo. Muita gente vai se identificar”, diz Luiz Fernando Guimarães.

Embora tenha sido escrita nos anos 1970, a obra mantém uma relação direta com questões ainda presentes no cotidiano brasileiro. Para Pedro Neschling, é justamente essa atualidade que ajuda a explicar a força do texto de Juca de Oliveira.



Paula Tanelotto/Divulgação
Ator Luiz Fernando Guimarães

“Apesar de ser uma peça escrita nos anos 1970, a história ainda conversa muito com o Brasil de hoje”

LUIZ FERNANDO GUIMARÃES

“Apesar de ser uma peça escrita nos anos 1970, a história ainda conversa muito com o Brasil de hoje, pois fala sobre a vontade de ascensão social, custe o que custar, e sobre o famoso jeitinho brasileiro, que não mudou em nada dos anos 1970 para cá”, revela.

Depois de uma temporada de sucesso em São Paulo, “Baixa Sociedade” chega a uma nova etapa colocando em cena relações familiares, ambição e o desejo de ser aceito em determinados círculos sociais. Com humor e uma dose de crítica, a montagem expõe as

contradições de quem está disposto a fazer de tudo para sustentar uma imagem de sucesso.

A peça está entre os textos de Juca de Oliveira que mais ganharam versões para os palcos ao longo das décadas. Com diálogos ágeis e humor marcado pela crítica de costumes, o dramaturgo construiu uma obra que atravessou diferentes momentos do país sem perder a capacidade de provocar identificação. Juca morreu este ano, deixando uma trajetória de destaque na dramaturgia brasileira.

“Neste ano em que tivemos a passagem do Juca, preservar o legado que ele deixou para a nossa dramaturgia é de enorme valor. Ver diferentes obras dele recebendo novas montagens e fazer parte desse movimento de celebração é muito importante”, conclui Neschling.

Sinopse

Otávio é um homem inconformado com a própria condição e disposto a fazer o que for necessário para mudar de vida. Entre mentiras, disfarces e invenções, ele acredita que alcançar o sucesso é, sobretudo, uma questão de construir a aparência certa.

A partir dessa busca, Juca de Oliveira apresenta uma história que mistura humor e crítica social para mostrar as contradições de quem deseja ascender a qualquer custo. Em “Baixa Sociedade”, o público acompanha situações absurdas e reconhece comportamentos que, apesar de retratados com humor, continuam presentes na sociedade.

RAFAEL LIMA

Há histórias que o tempo não consegue envelhecer. Valsa Número 6, único monólogo escrito por Nelson Rodrigues, é uma delas. Criado em 1951, o texto acompanha Sônia, uma adolescente de 15 anos que, depois de morta, tenta reconstruir, em fragmentos de memória, as circunstâncias de sua própria morte. Mais de sete décadas depois, a personagem volta ao palco pelas mãos do diretor Jorge Farjalla e da atriz Carol Costa, em uma montagem que amplia o olhar sobre a violência sofrida pela menina e estabelece um diálogo direto com o presente.

Para Farjalla, a força da obra está justamente na atualidade de suas camadas. Ao revisitar o texto, o diretor se deparou com uma história sobre abuso sexual e sobre a dificuldade de vítimas serem ouvidas. “Esse texto foi escrito em 1951 pelo nosso Shakespeare brasileiro, que é o Nelson Rodrigues, falando sobre abuso”, resume. A proposta é transformar a encenação em um manifesto, fazendo com que o público perceba que a violência de Sônia não pertence ao passado.

Em determinados momentos, a própria peça é interrompida para que Carol dialogue com questões contemporâneas, trazendo acontecimentos, estatísticas e situações de violência que fazem parte do cotidiano. A intenção não é apenas contar a história de Sônia, mas provocar uma reflexão sobre tantas outras meninas e mulheres que continuam tendo suas vozes silenciadas.

Uma menina, muitas vozes

Conhecida por sua trajetória nos grandes musicais, Carol Costa enfrenta agora seu primeiro monólogo. Durante cerca de uma hora, ela sustenta sozinha uma narrativa marcada por medo, silêncio, memória e dor. A arena proposta por Farjalla aproxima radicalmente público e atriz. “Nem a atriz e nem o espectador têm como se esconder”, afirma Carol.

A proximidade transforma a plateia em testemunha da confissão de Sônia. Não há grandes cenários ou um elenco para dividir a narrativa. Há o corpo da atriz, sua voz, seus silêncios e as diferentes figuras que atravessam a memória da personagem.

Para Carol, um dos maiores desafios foi criar um distanciamento entre ela e Sônia. Não porque a personagem lhe seja distante, mas justamente pelo contrário. A atriz se reconhece em aspectos da experiência feminina e também incorporou ao processo relatos de mulheres que

chegaram até ela durante e depois da primeira temporada.

A montagem procura humanizar Sônia e fugir de qualquer caricatura. A menina não consegue nomear completamente o trauma que sofreu e passa boa parte da história tentando reconstruir sua memória, questionando-se, justificando-se e até se culpando. É justamente aí que a personagem encontra uma dimensão contemporânea.

Carol também chama atenção para uma das primeiras falas de Sônia: “Eu não sou louca”. A frase ganha novo peso quando relacionada à maneira como vítimas de

violência muitas vezes são descredenciadas. A personagem tenta falar, mas encontra um ambiente que não a escuta.

Entre Teresinha e Sônia

O trabalho ganhou ainda uma dimensão especial porque Carol chega a Sônia depois de interpretar Teresinha em Ópera do Malandro, também dirigida por Farjalla. São duas personagens femininas submetidas a estruturas de poder, mas que reagem de maneiras completamente diferentes.

Teresinha é forte, estratégica e enfrenta diretamente o sistema que a cerca. Sônia é íntima, silen-

ciosa e fragmentada. “Em ambas as obras, a gente vê uma estrutura de poder agindo de forma explícita sobre o corpo feminino”, observa Carol.

A diferença também está na própria linguagem teatral. Em Ópera do Malandro, ela conta com uma grande estrutura, elenco, música, cenários e figurinos. Em Valsa Número 6, resta o essencial: corpo, voz e silêncio.

É nesse espaço reduzido que Farjalla e Carol encontram a força da montagem. O clássico de Nelson Rodrigues deixa de ser apenas uma obra preservada no tempo e passa a conversar com uma rea-

lidade que ainda produz novas Sônias. A valsa, afinal, continua tocando porque a sociedade ainda precisa aprender a escutar.

A nova temporada estreia neste dia 10 de setembro, no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, onde segue até 28 de setembro. As apresentações acontecem de quinta a segunda-feira, às 19h, na Sala Paschoal Carlos Magno, com classificação de 14 anos e duração aproximada de uma hora. Com direção e encenação de Jorge Farjalla e atuação de Carol Costa, Valsa Número 6 reafirma a potência do teatro como espaço de memória, denúncia e reflexão.



Carol Costa interpreta Sônia em Valsa Número 6: mergulho em uma personagem marcada pela violência, pelo silêncio e pela tentativa de reconstruir a própria memória

Em nova montagem de Valsa Número 6, Jorge Farjalla e Carol Costa revisitam o único monólogo de Nelson Rodrigues para transformar a história de uma adolescente morta em um manifesto sobre abuso, violência e silenciamento

Quando o silêncio de Sônia ganha voz